

Centro de Estudos Bahianos

AFFONSO RUY

AMOR DE PRINCIPES

(Diário do Tenente Maurice Touchard)

1843

92 FRA
S729
ex. 2

Publicação

9

SALVADOR - BAHIA

15 de Setembro de 1951

A correspondência do Centro de Estudos deve ser dirigida ao Secretário Geral, Dr. Affonso Ruy, à Praça Almeida Couto, n. 9 - Bahia.

AFFONSO RUY

AMOR DE PRINCIPES
DIÁRIO DO TENENTE MAURICE TOUCHARD — 1843

SALVADOR — BAHIA — 1951

A M O R D E P R I N C I P E S

Ao trabalho do Prof. Frederico Edelweiss (1) que revela e comenta o texto do livro "Vieux Souvenirs", do Príncipe de Joinville, na parte referente à sua permanência no Brasil e, em especial, na Bahia, queremos aditar algumas achegas curiosas. Trata-se de fazer conhecido o "Diário íntimo" de um oficial francês, o jovem tenente Maurice Touchard, então ajudante de campo do príncipe de Joinville, na sua viagem de 1843 ao Brasil, e que faleceu como almirante da marinha, diário donde extrairmos a parte referente ao casamento de D. Francisco Fernando, filho de Luiz Felipe, o rei dos franceses, com a princesa imperial brasileira, Francisca Carolina de Bragança.

Segundo as crônicas, Joinville, para escândalo da côrte paterna, vivera com a trágica Rachel, de renome mundial, intensamente, um romance de amor, discreto embora, mas, nem por isso tão secreto que se furtasse à tagarelice palaciana, o que deu lugar a um paciente mas inútil trabalho da rainha D. Maria Amélia, de persuadir o amante em romper tal ligação e de tomar as responsabilidades do himeanu, seguindo a tradição da família reinante.

Compreendendo a impossibilidade de convencer a êsse príncipe galante, de 25 anos, só havia para o rei, como solução, afastá-lo temporariamente da Côrte, resolvendo-se confiar-lhe a "Belle Poule" para um grande cruzeiro no ocidente, o que se verificou com a partida da elegante nau de guerra, a 15 de outubro de 1842, numa travessia muito lenta, com demorada estadia nos países meridionais, parada na Ilha do Cabo Verde e visita aos portos africanos desde a Serra Leôa até Fernando Pó, buscando o real comandante, em terras exóticas, esquecer a mulher que, uma semana depois de sua ausência, entregava-se ao príncipe de Walewski. Ainda em fevereiro de 1843, estava a fragata nas plagas africanas, e dando notícias da boa saúde que gozava o comandante, Touchard escrevia ainda, a rainha: "Quanto ao estado moral (do príncipe) não ouso afirmar seja satisfatório. A vida de bordo é essencial-

92 Fra
5789



(1) — Boletim do Centro de Estudos n. 3

mente sonhadora; e quando não é ocupada pelas responsabilidades do comando, as recordações dominam... E assim com o coração sangrando, chegou Joinville ao Brasil.

O "Belle Poule" ancorou na Guanabara no dia 27 de março, pelas 2 horas da tarde, sendo saudado pelas belonaves "Ville de Marseille", "Cleopatre" e "Alemère", ancoradas no porto. Pouco depois da visita dos comandantes francês e inglês, chegou o ministro do exterior do Império acompanhado de Paulo Barbosa, attaché à Casa do Imperador, ficando acertado entre o memorialista e o representante particular de Pedro II, que S. M. receberia Joinville no dia 28 no palácio de São Cristovão. Dêsse dia em diante transcreveremos o Diário de Touchard:

"28 de Março — Às 10 horas, chegamos ao palácio de São Cristovão, encantadora residência, de onde a vista paira sobre uma paisagem maravilhosa.

O Imperador, veio ao encontro do Príncipe e, depois de trocar algumas frases, condecorou-o com o grande cordão de não sei que ordem. Depois, atravessamos várias salas e, depois de uma conversação de quarto de hora bem animado, apesar da taciturnidade do imperador, fomos visitar as princesas, ou melhor, a princesa Francisca.

Estava sôzinha; a princesa real estava doente. A pobre princesa Francisca estava visivelmente comovida, pouco à vontade. Sentamo-nos, e enquanto o imperador lia uma carta que a princesa acabava de lhe entregar, procurei-me conversar. Mas as palavras saíam com esforço e como estranguladas na passagem. Quanto ao príncipe, embora também não estivesse à vontade, continha-se melhor. Estava sorridente e bastante palrador, porém mais surdo do que de costume, o que, nele, é sempre indício de viva preocupação e emoção. Por isso fazia a princesa repetir, o que não a ajudava a reanimar-se.

Embora a princesa estivesse voltada para o meu lado, por discreção, olhei-a pouco para lhe não aumentar o embaraço. Querida vê-la mais calma, mas, mesmo assim, pareceu-me bem, embora se não possa dizê-la bonita. A sua tez deu-me a impressão de ser pálida e fatigada, muito embora estivesse diante de duas grandes janelas, o que lhe não era nada favorável. Tanto assim que quando levantou-se para cumprimentar modificou a minha opinião, deixando ver uma cintura notavelmente bem feita, de altura mediana, uma dignidade simples e graciosa no semblante, bonito porte de cabeça. Fica melhor assim de pé. Cumprimentamos e o príncipe retirou-se.

Ao regressarmos, a sua conversação era mais livre, mais desembaraçada, seja porque a impressão fôsse boa, fôsse também, e esse era talvez a verdadeira causa, porque estivesse contente por ter nesse dia, chegado ao fim da sua função.

Visitamos os apartamentos destinados ao príncipe, no palácio da cidade, e voltamos para bordo, no barco do imperador, assim como tínhamos vindo. De tarde visitamos o "Ville de Marseille" e Mme. de Langsdorff. Depois dessa visita, o príncipe tirou o uniforme e vestiu um casaco branco. Fiz como elle e fomos dar um passeio.

Ele sabe que R... (1), quinze dias depois da sua partida passou-se para M. W... (2). Tanto melhor, foi bem a propósito.

— Esperava por isso, disse-me elle, e, contudo, sinto mais despeito que pensava.

Quanto a mim, concluí que a criatura era indigna da sua lembrança e demonstrei-o à minha maneira.

Durante o passeio, não abri a bôca sobre a princesa, mas lá chegamos: acha-a bem, contudo, não é a mulher sonhada...

— Mas Monsenhor, o casamento não é uma visão, disse-lhe... E depois ficamos por aí. Está fatigado, incomodado. Todas essas emoções e agitação, perturbaram-no fortemente; precisa de descanso, de reflexão, para amadurecer as idéias. Disse-mo; era inútil, advinhara-o... Por isso, calo-me; o momento de desabafo virá sôzinho.

Às 6 horas, voltamos para bordo. Depois do jantar e do charruto, estava com elle, no quarto. Elle estendido no divã, eu, sobre as esteiras. O mesmo silêncio, o mesmo abatimento, ou antes, a mesma preocupação... Algumas frases de tempos em tempos, e depois deitou-se; fiz-lhe a saudação turca e vim escrever o meu diário.

29 de Março — Hoje, o príncipe estava mais conservador. O espirito parecia mais livre. Contudo, quando se achava sôzinho, caía numa melancolia profunda. À noite, disse-me: — Estou incomodado; tenho febre. Pobre príncipe, os seus sentimentos combatem. Que sairá daí? Ainda não sei.

O sr. Barbosa (3) não procurou interrogar-me sobre a impressão de ontem; teria evitado esse assunto. Limitou-se a pergun-

(1) — Raquel a celebre tragica francesa, amante do príncipe

(2) — Conde Walewski

(3) — Paulo Barbosa da Silva, mordomo da Casa Imperial

tar-me como achara a princesa. A minha resposta pareceu satisfazer-lo e só tinha dito a verdade.

30 de Março — Hoje o príncipe está melhor. Pela manhã, releu tódas as cartas da rainha, de espírito repousado; com uma boa noite e espirito ficou mais repousado.

Da 1 às 4, fomos dar um passeio em Botafogo, apesar da chuva, abrigados de um aguaceiro, sob uma árvore abordamos a grande questão, na qual já havíamos tocado indirectamente. Não fui eu quem a iniciou: o príncipe chegou a ela sozinho. Concordamos que a princesa era *rather well*, contudo não sentia inclinação, não por ela precisamente, mas pelo casamento em geral.

As disposições eram más, visto serem anti-matrimoniais. Temia êle, sobretudo, que a princesa fôsse de saúde fraca, doentia. Evidentemente é uma escapatória em que se quer entrincheirar, exagerando as consequências. Em definitivo, não quer decidir nada antes de ter julgado, com conhecimento de causa, e romper completamente com as recordações parisienses: assim estará liberto de qualquer influência, de qualquer prevenção.

Monsenhor julgou fazer uma concessão vindo aqui e essa idéa, sem o saber, tem tóda a influência de uma prevenção desatada. Não quiz, até agora, falar-lhe da impressão que tive da primeira entrevistista, porque temia que visse nela um *parti-pris*.

Aqui, êle exclamou:

— Essa impressão foi, posso dizê-lo agora, tóda favorável. A conclusão foi que queria ver e julgar antes de tomar uma decisão.

— Muito bem, é tudo o que lhe peço; monsenhor é o único juiz neste caso.

Conversamos assim, fumando um charuto. O charuto acabou com a chuva, e recomegamos a andar, ambos pensativos e silenciosos.

31 de Março — Decididamente a princesa é bonita. Hoje estava vestida muito simplesmente com um vestido de mousseline branca. É pálida, mas quando se anima, passam-lhe sôbre o setim das faces, rubores que lhes dão uma côr fresca e vermelha; a fronte é alta, os olhos, grandes e bem rasgados, cheios de expressão e vivacidade. Nada tenho a desdizer sôbre a cintura e da distinção do seu porte. Enfim, se não é uma beleza, é, pelo menos uma pessoa muito bonita. Fui por demais severo no meu primeiro retrato, ou antes, temi não sê-lo assaz.

Hoje, durante o jantar e o passeio, pude vê-la melhor, vê-la sobretudo por mais tempo e com tódas as vantagens: não havia mais emoção nem embaraço: estava perfeitamente natural e encantadora. Não sei se monsenhor fez as mesmas observações que eu, mas, no fim, tornára-se mais atento, quase solícito. Durante o passeio choveu um pouco. A princesa estava sob o braço de monsenhor, que levava guarda chuva e chegava-se um pouco para ella abrigar-se melhor.

Veremos. Tenho mais esperança do que nos dias passados, se não a quizer, é porque será muito difficil.

O príncipe despediu-se do imperador ao cair da noite e voltamos para bordo.

1.º de abril — O dia foi completamente livre. Às 2 horas, o príncipe foi visitar Mme. de Langsdorff e depois fomos passar em Botafogo, indo ao sopé do Pão de Açúcar. Ali, pusemo-nos a conversar sempre sôbre o mesmo assunto; ontem a princesa estava mui melhor que no dia da primeira entrevistista; a sua palidez não é uma palidez doentia.

Antes de sair para passar êle veio ao meu quarto; encontrou-me escrevendo cartas e acabava de terminar uma para a rainha. Deixou para ler, pedindo que depois da leitura se abstrivesse de qualquer comentário. Ella dizia, precisamente, a mesma coisa que o dito no principio da conversação. Eu acrescentava que tinha boas esperanças.

Esse ponto não foi contestado. Se o caso se resolver, acrescentou êle, pensei numa combinação relativa ao transporte da princesa; o casamento seria realizado aqui, e levaria a princesa comigo. O casal Langsdorff partiria também na "Belle Poule". Esse arranjo não deixaria de convir a Mets. Langsdorff, além dessa conveniência particular haveria ainda a vantagem de proporcionar companhia à princesa, que só se faria acompanhar por uma ou duas aias. Iriamos directamente à França, escalando talvez em Lisboa. Depois da cerimônia, que se realizaria sem barulho e na intimidade do palácio, raptaria minha mulher e pôr-me-ia à vela.

Tal projeto, si se realizar, levantará, sem dúvida, algumas objeções de detalhes e, em consequência, modificação na forma. Quanto ao fundo, creio que o manteremos. Perguntei, para saber, sempre com reserva, se êle falaria directamente ao imperador ou se se trataria por via diplomática. Respondeu-me, como esperava, que falaria directamente ao imperador.

Jantamos sózinhos: disse-me que sentia má disposição, que pensara nos encantos da vida de solteiro, que temia ter saudades. Combati essas idéias.

Durante tóda a noite, a música fez ouvir nossos trechos favoritos. Fechamos o concerto com "Le vieux Celiban". Os sapatos tomaram parte marcando compasso com um barulho escandaloso. 3 de abril — Às 5 1/2 da manhã, o príncipe chegou a São Cristovão. Montamos imediatamente a cavallo.

A princesa fica muito bem no seu traje de montar, apesar dum toque de veludo e de um penteado à chinesa. Diverte-se, aborrecendo o cavallo, que se impacienta e revolta contra o bonito cavaleiro. Essa lutasinha, provocada talvez por um sentimento inocente de garridice, serve para pôr em valor uma habilidade de que ficariam bem orgulhosas muitas heroínas do bosque de Bolonha.

Eram quase 8 1/2 quando a cavalgada chegou ao Jardim Botânico. Demos a volta ao jardim enquanto serviam o almoço e sentamo-nos à mesa bastante à vontade, sem cerimônia. Tinham-nos libertado da etiqueta da cõrte imperial.

Que fazer até o jantar, até as 3 horas? ... O jardim é bello mas, quando se admirou os três bonitos mosques de bambús, as alamedas cobertas, e os tesouros de vegetação que a arte e a natureza ali accumularam, quando se passou durante meia hora, *on en a assez*.

* * *

Jantamos alegremente e depois, fizemos loucuras num lagozinho no jardim. O imperador estava galhofeiro, o príncipe não lhe ficava atrás. Os ministros, os camaristas, sacudindo a gravidade oficial, entraram na brincadeira, tão bem que tivemos uma apresentaçãozinha do batismo da linha.

Eram 6 horas quando subimos para os carros. O príncipe estava só com o imperador e a irmã. Falou da sua família, da posição que a revolução de julho lhe dera na Europa, das crises que atravessara e que poderiam ainda se renovar, da estreita união de todos os seus membros, união que perigos comuns haviam ajustado ainda mais, depois dos seus projetos futuros, do yacht, da compra de Carheil (*). Monsenhor — disse-lhe eu — fez o prefácio.

4 de abril — O príncipe deu uma recepção aos francezes no palácio da legação. De lá foi jantar com o imperador no palácio de São Cristovão. Era um dia de gala na cõrte: aniversário do nascimento da rainha de Portugal (a rainha de Portugal, D. Maria I, era a irmã mais velha do imperador) e a soirée devia terminar por um baile.

*) — D. Mariana de Verna Magalhães, Condessa de Belmonte.

Desde o jantar até o baile, o intervalo era longo. Contudo, passamos bem o tempo. As princessas cantaram algumas romanzas de Mille. Puget, entre outras o "Dote d'Avvergne", com o estrilho tão conhecido: "cing sous, cing sous". Também quiseram que eu cantasse; por coisa alguma poderia decidir-me a fazê-lo.

No príncipe opera-se uma revolução completa; o imperador, sempre tão taciturno, tão desanimado, tornou-se quase sorridente e falador. Fala de tudo: literatura, belas artes; conhece de nome os nossos artistas principais: cita as suas melhores obras.

No baile, a princesa Francisca estava encantadora. O príncipe dissera-me que bandos, enquadrinhando-lhe o rosto e cobrindo-lhe as orelhas, deviam ficar-lhe muito bem, muito melhor, certamente, que êsse penteado à chinesa que usava na véspera. Esta-va perfeitamente de acõrdo com êle. Pois bem, por uma revelação de garridice feminina, a princesa estava pentada com bandos...

Como se parecia pouco com o que era no dia da primeira visita! Nesse dia, quando annunciaram o príncipe, dissera a Madame Magalhães, sua velha governante, que não tinha mais uma gota de sangue nas veias. Hoje, a tez era fresca e brilhante de saúde; conquistou a aprovação, dizia quase a admiração, da officialidade da divisão que fôra convidada para o baile. Dançou-se até meia noite, muito mais tarde do que se pensava.

O imperador, que não dança, faz êsse sacrificio dos seus hábitos a favor da irmã. Ela parecia divertir-se tanto! Dançou 4 vezes com o príncipe, que só dançou com ela. Foi, talvez demais, mas que importa que o notassem?

Amanhã o príncipe tem audiência com o imperador. Advinhavo, em parte, o seu fim: depois do prefácio, a entrada na matéria.

5 de abril — Partimos para São Cristovão às 2 horas. Não me disse nada e eu não o interroguei. Pela manhã, entretanto, mostrara-me vários documentos revestidos da assinatura real, um presente de noivado, um retrato, e uma carta da rainha. Tudo isso tem a sua significação.

A conferência terminou às 4 horas; tornamos a montar a cavallo. La romper o silencio simuladamente, quando sua alteza disse o que eu já advinhara. A princesa imperial chorara! Quanto a sua irmã, também estava comovida, mas não era uma comoção de tristesa.

O imperador aprovou a combinação que lhe foi submetida. Resta apenas soltar a língua do ministro do rei, que não esperava, em absoluto, uma solução tão rápida.

— Tudo vai bem — disse eu — Terá uma comunicação direta logo à noite. Com efeito Langsdorff ficou um tanto alarmado com o acôdo; não recebera ordem do rei para realizar o casamento *sur les lieux*. A sua responsabilidade ficaria muito comprometida. Há 50 anos, seria um caso de "embastilhamento".

O príncipe expôs as suas razões, que foram apreciadas, mas o ministro pediu a noite para refletir.

6 de abril — As 10 horas, o príncipe foi sozinho à legação. De Langsdorff, alega ausência de documentos indispensáveis; o consentimento do rei resulta bem, implicitamente, dos outros documentos que o príncipe possuía, mas não existe instrumento que o constate. Mas o príncipe assume toda a responsabilidade e fica combinado que, desde hoje vai-se fazer o necessário, junto do ministro dos negócios exteriores.

O imperador dava um baile em honra do príncipe. A princesa Januária (1) fez a sua reaparição. Menos alta do que a irmã, não tem nem a sua elegância de força nem a sua distinção, mas o seu rosto respira uma bondade angélica e os olhos são encantadores. As duas irmãs estavam vestidas da mesma forma; ambas traziam o grande cordão da Ordem do Império seguro no ombro direito por um *fermoir* de diamantes. O nosso príncipe dansou muito, mas só com a princesa.

Conversei com Langsdorff, a quem fiz desaparecer os últimos escrúpulos sobre a questão da celebração do casamento.

De 7 a 13 de abril — As conferências oficiais entre Langsdorff e o sr. Carneiro (2), ministro do exterior, foram abertas. Nomeou-se um plenipotenciário para discutir os artigos do contrato. Foi escolhido o sr. de Vasconcelos (3), senador.

22 de abril — O contrato foi assinado hoje, às 3 horas, depois de algumas objeções levantadas pelo plenipotenciário imperial. Este senhor é um homem poderoso entre a oposição, e foi, precisamente, essa potência que se quis conciliar e tornar solidária com o tratado. Aliás, contava-se com a docilidade e, embora esta não tenha faltado, contudo, o plenipotenciário julgou de sua dignidade levantar algumas dificuldades inas sobre protocolo, que teve de ceder depois de longas conferências. O nosso ministro ganhou a causa em todos os pontos.

1) — D. Januária seria mais tarde Condessa D'Aquila

2) — Honorio Hermeto Carneiro Leão, Ministro da Justiça, e interino na pasta dos estrangeiros até 8 de julho de 1843.

3) — Senador Zacarias de Góis e Vasconcelos

A copia do tratado, quero dizer, do contrato, partiu a 23, pela manhã pelo paquete inglês que, infelizmente, escala na Bahia e em Pernambuco. Espera-se, apenas, a chegada do almirante Massieu, a quem a "Coquette" foi dar parte do sucedido. Está convidado a vir servir como testemunha do príncipe, se os negócios diante de Montevideu (*) lhe permitirem ausentar-se.

A 22, a legação deu um baile para celebrar o aceite do nosso pedido de casamento que se fez oficialmente a 19 ou 20. O imperador e as duas princesas assistiram a esse baile.

28 de abril — A "Coquette" chegou; traz cartas do almirante excusando-se de comparecer pela gravidade de situação do Prata. A "Coquette" ancorou enquanto davamos um passeio pela baía, com a família imperial. Eram mais de 9 horas quando o "Paquete do Norte" se aproximou dos nossos navios. A chuva caía, o que não impedia saudá-lo: fôgo de fila com todas as baterias; os homens de branco nas vergas, iluminadas por archotes queimando em cada ponta das vergas. Esse canhoneio intrigou muitíssimo os pacatos habitantes do Rio. Os que gozaram do espectáculo gabaram-lhe muito a magnificência. O imperador estava encantado.

Conduzimo-lo a São Cristóvão, onde o seu desembarque foi ainda saudado por 6 das nossas embarcações ancoradas em linha e iluminadas.

29 de abril — O regresso da "Coquette" precipitou o desfecho fixou-se definitivamente o casamento para o dia 1.º de maio. Na falta do almirante, será o comandante Nonay uma das duas testemunhas do príncipe; decidiram que eu seria a outra.

1.º de maio de 1843 — Celebrou-se o casamento ao meio dia na intimidade do palácio, na presença dos ministros, dos camaristas e damas de serviço e dos comandantes franceses. Estes eram Fournier, Lariou e Bosse. A "Belle Poule" foi a única que teve maior parte nessa representação: Lugeol e 2 oficiais.

Como de hábito, o casamento civil precedeu o religioso. A pergunta de Langsdorff, funcionando como chanceler de França: "Altíssima e Poderosíssima Princesa etc. . . . aceitais por esposo o Altíssimo e Poderosíssimo Príncipe etc. . . ." a princesa respondeu num tom muito resolutivo com o seu "Oui, Monsieur".

Ela estava pálida e um pouco comovida ao atravessar os salões para se dirigir à sala do casamento civil; mas, sentando-se à

(*) — Montevideu cercada pelo exercito de Rosas, obrigará a Inglaterra e a França ter navios de guerra no Prata para defesa de seus súditos.

mesa onde se lia, recobrou a segurança, uma côr rosada veio-lhe ás faces e a jovem noiva teve o aspecto, apenas, de uma vítima muito satisfeita. Depois da dupla cerimônia, abraçou a sua pobre irmã, que a apertou contra si com lágrimas nos olhos. Então, houve um beija mão; o Rubicon estava transposto; tinha-se tornado princesa francesa e assinava "*Françoise Caroline*".

Depois de um jantar, em que tomaram parte todas as pessoas convidadas para a celebração do casamento, cada um foi para sua casa, deixando os esposos sózinhos.

Diz-se que, a noite, o príncipe frustrou a etiqueta; tratava-se de um deitar de noiva nas regras da mais estrita observância; mas o príncipe foi-se deitar muito burguêsmente, dando o braço á sua princesa e boas noites á assistência."

No dia 14 de maio, a "*Belle Poule*" transformada numa galera de amor, deixava lentamente o porto do Rio de Janeiro, arrastada pela brisa da manhã, destino do velho mundo, onde chegou depois de 72 dias de viagem. Na história dos reis, mais um elo ligava as casas reinantes do mundo aos Braganças do Brasil.

19 de julho, 51

92 FRA

22.245

S729

AUTOR

SOUZA, Afonso Ruy de

TÍTULO

Amor de príncipes

92 FRA

22.245

S729

ex. 2

SOUZA, Afonso Ruy de

Amor de príncipes